

JONES, S. *The Archaeology of ethnicity: constructing identities in the past and present*. Londres, Routledge, 1997, 180 pp.

Airton B. Pollini Jr.\*

Com o objetivo de criar um corpo teórico para a análise da etnicidade em arqueologia, Siân Jones compôs um livro extremamente importante para arqueólogos, historiadores e antropólogos, com a preocupação de abranger todos os principais posicionamentos relacionados à etnicidade, desde o século XIX até a década de 1990. Uma das motivações da autora ao escrever este livro foi, certamente, o fato de o estudo da etnicidade ser central para os debates recentes sobre as implicações políticas da pesquisa arqueológica, assim como para a interpretação arqueológica tradicional. O primeiro grande mérito do livro é, desde o início, demonstrar a necessidade da conscientização, por parte de todos os cientistas sociais, das influências e conseqüências políticas das pesquisas sobre a etnicidade, o que faz deste livro uma referência para todos, inclusive não-arqueólogos.

São precisamente estas influências e conseqüências que indicam a obrigatoriedade da análise simultânea da etnicidade (e a construção de identidades) no passado e no presente, ou seja, deve-se observar o quanto a construção de determinada etnia é resultado de um posicionamento político tomado na época em que a pesquisa é feita. A autora não se cansa de mostrar, por todo o livro, o quanto a teoria, o método e os resultados de certa pesquisa foram influenciados pela política, não importando a época analisada. A conclusão de Jones é que não há dados factuais e neutros e que todas as pesquisas têm uma natureza política implícita; entretanto, este reconhecimento não enfraquece a validade da Arqueologia, desde que esse posicionamento político seja sempre levado em consideração. Em suas palavras:

“a aceitação de que o passado nunca está morto e de que os restos arqueológicos são passíveis de serem envolvidos na construção corrente de identidades potencialmente diversas e fluidas vai facilitar o

desenvolvimento de relações dinâmicas e engajadas entre a arqueologia e as comunidades contemporâneas”<sup>1</sup> (Jones 1997: 141).

Além de enfatizar o componente político de todas as pesquisas arqueológicas, Jones dedica uma grande parte do seu livro a descrever as principais teorias de etnicidade em Arqueologia, desde o conceito de raça do século XIX até as recentes proposições formuladas na primeira metade da década de 1990, abordando e criticando todos os principais movimentos.

Procedendo dessa maneira, a autora começa com o *modelo histórico-cultural* de Gustaf Kossinna (1911, 1921 [1914]) e Gordon Childe (1927 [1925], 1956, 1969 [1950]). Ele é criticado por partir da suposição de que estabilidade, ordem e equilíbrio caracterizam as sociedades tradicionais e portanto as sociedades são representadas como unidades homogêneas, sem alteração no espaço e ao longo do tempo. Entretanto, já há algum tempo é sabido que a realidade é muito mais heterogênea do que esses conceitos podem perceber. A conclusão de Siân Jones é que esse conceito de cultura não é absoluto, mas arbitrário.

Seguindo o mesmo princípio, Jones recapitula e critica a *Nova Arqueologia* ou *Arqueologia Processual*, dominante entre as décadas de 1960 e 1970 e que teve como principais representantes L. Binford (1972, 1983), Binford & Binford (1968), D. Clarke (1978 [1968]) e C. Renfrew (1972, 1979). Em relação à etnicidade, a principal falha é que, em última instância, os processos envolvidos na criação de uma etnia seriam essencialmente similares aos processos

(1) “The acceptance that the past is never dead, and that archaeological remains are likely to be involved in the ongoing construction of potentially diverse and fluid identities, will facilitate the development of dynamic and engaged relationships between archaeology and living communities.”

(\*) Aluno do D.E.A. Les Cultures de l'Antiquité Classique, Université de Paris X.

de construção de gênero, classe e relações de parentesco. Isto porque todas são categorias culturalmente forjadas a partir da percepção de uma diferença real ou presumida, levando a uma tendência a ignorar as diferenças entre os grupos étnicos em contextos históricos e sociais distintos.

Apesar de representar um conjunto heterogêneo, com posicionamentos distintos, a chamada *Arqueologia Pós-Processual*, nas últimas três décadas, tenta superar as principais falhas da *Nova Arqueologia*. Como pode ser observado a partir das discussões do Congresso Mundial de Arqueologia (WAC – *World Archeological Congress*),<sup>2</sup> o primeiro aspecto desta superação é a inclusão da etnicidade como tema central nos debates; e o segundo ponto relevante é a relação entre a política e a Arqueologia na construção de identidades e etnias.

Dentre as teorias agrupadas na designação de *Arqueologia Pós-Processual*, a primeira pela qual Jones se interessa é a perspectiva *primordial* – cujos conceitos foram desenvolvidos inicialmente por Edward Shils (1957) e posteriormente por C. Geertz (1963). Sua crítica se direciona à definição de etnia como sendo o conjunto de características primordiais atávicas, por esta ser ou muito genérica ou muito obscura e não possuir, portanto, um grande poder elucidativo. Assim, esta perspectiva não comporta a natureza fluida das delimitações étnicas, da mesma forma que não capta as variações em diferentes contextos sociais e em diferentes indivíduos.

A crítica de Jones em relação à perspectiva *instrumental* (Barth 1969; Cohen 1969, 1974) é a sua redução da etnicidade à mobilização e à politização da cultura na organização de grupos de interesse, negligenciando a dimensão cultural da etnicidade – esta tendo um papel apenas secundário na formação e transformação da identidade étnica. Aproximando etnicidade a grupo de interesse, a consequência do seu reducionismo é transformar todos os seres humanos em seres racionais em busca de seu interesse, sem distinguir os grupos étnicos de outros grupos de interesse coletivo, como classe por exemplo. Esta perspectiva não consegue, portanto, explicar claramente o surgimento dos grupos étnicos.

O objetivo de Siân Jones ao escrever este livro e sua motivação para descrever e analisar as diversas perspectivas que estudam a etnicidade em Arqueologia era criar um corpo teórico abrangente e que conseguisse superar as deficiências dos anteriores. Para produzir uma análise da formação e transformação dos grupos étnicos em contextos sociais e históricos variados, a autora adota uma definição processual de etnicidade do tipo mais genérico, ou seja, a identificação étnica envolve um processo social complexo. Para ela, somente uma definição bastante ampla pode ser utilizada como uma ferramenta adequada a esses diferentes contextos. A partir dessa definição, é necessário observar as particularidades culturais de cada grupo étnico na sua própria identificação étnica.

Para construir então a sua formulação teórica, utilizando o conceito de *habitus* formulado por P. Bourdieu (1977), seguido também por G. C. Bentley (1987), Siân Jones começa por definir etnicidade:

“Etnicidade é um fenômeno multidimensional, constituído de diferentes formas em diferentes domínios sociais. Representações de etnicidade envolvem a oposição dialética de práticas culturais situacionais relevantes e experiências históricas associadas com tradições culturais diferentes. Conseqüentemente, raramente há uma relação um-para-um entre as representações de etnicidade e toda a gama de práticas culturais e condições sociais associadas com um grupo particular.”<sup>3</sup> (Jones 1997: 100).

Dessa forma, a sua definição rompe com a noção convencional de delimitação territorial, temporal ou cultural de uma etnia. Utilizando uma concepção dialética, Siân Jones procura, como um dos objetivos de seu livro, esclarecer as relações entre etnicidade e Arqueologia. Ela argumenta que a cultura material está ligada tanto ao reconhecimento quanto à expressão da etnicidade, ou seja, a cultura material contribui para a formação de uma etnia ao mesmo tempo que é estruturada por ela. Como resultado, algumas formas ou estilos presentes na cul-

(2) Ver a recente compilação dessas discussões em: P. P. Funari, S. Jones & M. Hall (Eds.) *Historical Archaeology: back from the edge (one world archaeology)*, 31), London, Routledge, 1999.

(3) “*Ethnicity is a multidimensional phenomenon constituted in different ways in different social domains. Representations of ethnicity involve the dialectical opposition of situationally relevant cultural practices and historical experiences associated with the different*

tura material podem ser utilizados para sinalizar etnicidade, enquanto outros podem entrecruzar os limites étnicos.

Entretanto, essa escolha não é arbitrária: a expressão consciente da etnicidade por meio da cultura material está ligada a disposições estruturais, como modo de produção ou acesso a certos recursos, por exemplo. Embora estas disposições condicionem todos os aspectos das práticas culturais e das relações sociais de certo estilo de vida, a relação entre a etnicidade e a cultura material depende dos contextos específicos.

“Categorias étnicas podem persistir, enquanto a cultura material envolvida na significação consciente destas categorias muda e, da mesma forma, as referências étnicas de um estilo particular de cultura material podem mudar, enquanto os estilos continuam os mesmos. Portanto, a relação entre os estilos da cultura material e a expressão da etnicidade pode estar constantemente mudando de acordo com o tempo e o espaço.”<sup>4</sup> (Jones 1997: 122).

A natureza multidimensional da etnicidade pode resultar em um padrão complexo de sobreposição das distribuições da cultura material em diferentes contextos sociais e históricos. Os padrões de produção e consumo da cultura material envolvida na comunicação da “mesma” identidade étnica podem variar qualitativa e quantitativamente em diferentes contextos. Dessa forma, a relação entre etnicidade e cultura material parece ser intangível e particularmente problemática para os arqueólogos. Todavia, se há uma relação entre as disposições e as orientações historicamente constituídas – que conduzem as práticas e entendimentos das pessoas – e o reconhecimento e a expressão da etnicidade, os arqueólogos podem utilizar esses conceitos em suas análises, tal como é advogado neste livro. Para tanto, para a análise da etnicidade em Ar-

queologia, é essencial um amplo conhecimento dos contextos culturais e sociais passados, derivados de uma variedade de fontes e dados. Concluindo, ela afirma:

“Em particular, é necessário examinar os modos de interação social e a distribuição do poder material e simbólico entre os grupos de pessoas porque, como argumentado acima, etnicidade é um produto da interseção de similaridades e diferenças nos *habitus* das pessoas e das condições que caracterizam qualquer situação histórica. Um conhecimento adequado da organização social no passado é também importante, já que etnicidade é tanto uma construção transitória de atos repetitivos de interação e comunicação, como um aspecto da organização social que se torna institucionalizada em diferentes graus, e de diferentes formas, em diferentes sociedades. Além disso, uma aproximação histórica é crucial, dado o papel do processo histórico na geração e expressão da etnicidade.”<sup>5</sup> (Jones 1997: 126).

Como pudemos perceber, o livro de S. Jones aborda várias questões importantes para a análise arqueológica. Dois dos seus principais méritos são, em primeiro lugar, demonstrar a necessidade da conscientização política implícita em qualquer pesquisa e a possibilidade de utilização política desta pesquisa por grupos de interesse. Em segundo lugar, a sua mais importante contribuição foi o esforço de identificar e criticar as falhas ou imprecisões de muitas das principais teorias que tratam da etnicidade em Arqueologia.

Finalmente, S. Jones salienta a necessidade da construção de um corpo teórico integrado que consiga apreender a relação existente entre etnicidade e cultura material, um objetivo bastante ambicioso. A

---

*cultural traditions. Consequently there is rarely a one-to-one relationship between representations of ethnicity and the entire range of cultural practices and social conditions associated with a particular group.”*

(4) “*Ethnic categories may persist, whilst the material culture involved in the conscious signification of these categories changes, and likewise the ethnic referent of particular styles of material culture may change, whilst the styles themselves remain the same. Thus, the relationship between material culture styles and the expression of ethnicity may be constantly shifting according to time and place.*”

(5) “*In particular, it is necessary to examine modes of social interaction and the distribution of material and symbolic power between groups of people, because, as argued above, ethnicity is a product of the intersection of similarities and differences in people’s habitus and the conditions characterizing any given historical situation. An adequate knowledge of past social organization is also important, as ethnicity is both a transient construct of repeated acts of interaction and communication, and an aspect of social organization which becomes institutionalized to different degrees, and in different forms, in different societies. Moreover, an historical approach is crucial, given the role of historical process in the generation and expression of ethnicity.*”

autora conseguiu dar um grande passo neste sentido com a recomendação de que se deve observar todos os contextos históricos e sociais, as expressões simbólicas e as relações de poder entre indivíduos e grupos sociais. A grande dificuldade é que, em grande

parte das vezes, o arqueólogo não dispõe de todas essas informações preliminares, necessárias para aproveitar na íntegra a teoria de S. Jones; de qualquer forma, há no seu livro uma nova direção para analisar a etnicidade em Arqueologia.

### Referências bibliográficas

- BARTH, F. (Ed.)  
1969 *Ethnic groups and boundaries*. Boston: Little Brown.
- BENTLEY, G.C.  
1987 Ethnicity and practice. *Comparative Studies in Society and History*, 29: 24-55.
- BINFORD, L.R.  
1972 *An Archaeological perspective*. New York: Seminar Papers.  
1983 *In Pursuit of the past*. London: Thames & Hudson.
- BINFORD, L.R.; BINFORD, S.R.  
1968 *New perspectives in archaeology*. New York: Aldine.
- BOURDIEU, P.  
1977 *Outline of a theory of practice*. Cambridge: Cambridge University Press.
- CHILDE, V.G.  
1927 *The Dawn of European civilization*. London: [1925] Kegan Paul.  
1956 *Piecing together the past: the interpretation of archaeological data*. London: Routledge.  
1969 *Prehistoric migrations in Europe*. Oosterhout, [1950] Anthropological Publications.
- CLARKE, D.  
1978 *Analytical archaeology*. London: Methuen. [1968]
- COHEN, A. (Ed.)  
1974 *Urban ethnicity*. London, Tavistock Publications.
- GEERTZ, C. (Ed.)  
1963 *Old societies and new states*. New York: Free Press.
- KOSSINNA, G.  
1911 *Die Herkunft der Germanen*. Leipzig: Kabitzsch.  
1921 *Die Deutsch Vorgesichte: eine Hervorragend*  
[1914] *Nationale Wissenschaft*, Mannus-Bibliothek 9.
- RENFREW, C.  
1972 *The Emergence of civilization: the Cyclades and the Aegean in the third millenium B.C.*. London: Methuen.  
1979 *Problems in European prehistory*. Edinburgh: Edinburgh University Press.
- SHILS, E.  
1957 *Center and periphery: essays in macrosociology. Selected papers of Edward Shils*, vol. II. Chicago: Chicago University Press.

Recebido para publicação em 25 de maio de 1999.